

# 3 + 1

*Dios me odia*

Juan Tessi

15.09.23 – 11.11.23

Inauguração | Opening 15.09.23, 18h – 21h

## *O ELOGIO DA DESARRUMAÇÃO*

A primeira vez que falei com Juan Tessi foi através de uma chamada vídeo Whatsapp que criou uma ponte entre Lisboa e Buenos Aires, onde ele vive e cria. A ligação estava sempre a cair, mas mesmo assim continuámos. Sintonizámo-nos com o ritmo das nossas vozes sempre a falhar e os ecrãs a congelar. Acolhemos bem as interrupções, as falhas, os atrasos. Deixámos escapar algumas palavras, para que outras fossem realmente ouvidas.

Falámos das suas fontes de inspiração e do que o motivava. Falámos sobre tutoriais de maquilhagem e filmes pornográficos gay vintage. Falámos sobre culpar Deus pelo mal e antecipar o pior. Falámos sobre o caos na natureza, sobre a raiva e a fúria. Falámos sobre zonas húmidas, luxúria e amor. Sobre como, na nossa mente, questões ambientais podem coabitar com listas de compras. Sobre como tudo isto pode impregnar o trabalho.

Tal como a nossa conversa, o processo de pintar de Juan Tessi não é linear. Ele não aborda as suas exposições com noções preconcebidas, pelo contrário, ele tece teias com milhões de fios todos ao mesmo tempo, e deixa que os seus trabalhos se desenvolvam de forma orgânica. Por isso, acima de tudo, falámos de pintura. Sobre estar apaixonado com a sua inutilidade – e o seu potencial de transformação. Sobre desenhar fronteiras e limites, apenas para os transcender – e ir para além da tela, na esperança que existam pingos e fugas.

Isto pode soar a desarrumação.

E a desarrumação foi um tema recorrente da nossa conversa, ao ponto de eu começar a entendê-la como um conceito profundamente ligado ao seu entender do fazer artístico. Contemplei dar como título a este texto “Uma Teoria da Desarrumação”, mas eventualmente pareceu-me que tentar estabelecer quaisquer doutrinas iria chocar com a essência deste artista, que se afasta de qualquer abordagem sistemática. Em vez disso, prefiro empenhar-me num “elogio da desarrumação” semelhante ao “Elogio da Sombra” [1933], ensaio de Jun'ichirō Tanizaki, que fala da fixação ocidental com a luz e a claridade, em oposição ao gosto pela escuridão e subtilidade. Neste caso, esta celebração da desarrumação – uma espécie de selva feita por humanos – está mais contra a

## *IN PRAISE OF MESS*

The first time I talked to Juan Tessi was through a Whatsapp video call that bridged Lisbon to Buenos Aires, where he lives and creates. The connection kept cutting off, yet we kept on going. We attuned to the rhythm of our voices breaking up and screens freezing. We welcomed interruptions, glitches, delays. Letting go of some words, to let others sink in.

We talked about his sources of inspirations and drives. About makeup tutorials and vintage gay porn movies. About blaming God for the bad and anticipating the worst. About the chaos in nature, rage and fury. About wetlands, lush and love. About how, in one's mind, environmental questions can cohabit with grocery lists. About how all of this can infuse in the work.

Much like our conversation, Juan Tessi's process of painting is nonlinear. He doesn't approach his exhibitions with preset notions but weaves a million threads all at once and allows his works to evolve organically. So most of all, we talked about painting. About being enamored with its uselessness – and its transformative potential. About drawing boundaries and edges, only to then transcend them – and going beyond the canvas, hoping for drips and leaks.

This might sound messy.

And mess was a recurring term in our conversation, to the point that I eventually started to perceive it as a concept deeply tied to his understanding of art making. I contemplated entitling this text “A Theory of Mess” but it eventually seemed that trying to fix any doctrines would clash with the essence of this artist, who distances himself from any systematic approach. Instead, I'd rather engage in a “praise of mess” akin to Jun'ichirō Tanizaki's *In Praise of Shadows* (1933) which showcased the Western fixation on light and clarity against an appreciation of darkness and subtlety. Here a celebration of mess – this sort of human-made wild – would go more against an obsession towards the clean, ordered and measured. It asks: how did mess come to be perceived as a state that needs to be fixed?

That is not to say this is a messy exhibition nor is it an exhibition about mess. This is a vision of mess as a process, unfolding within the studio and allowing for ever-evolving

# 3 + 1

obsessão com o limpo, o ordenado e calculado. E pergunta: como é que esta desarrumação começou a ser vista como algo que precisa de ser corrigido?

Isto não quer dizer que esta exposição seja desarrumada ou que é uma exposição sobre a desarrumação. Esta é uma visão da desarrumação como processo, que se desenrola no atelier e permite um movimento em contínua evolução de ligações acidentais, entre e por dentro das suas obras.

O termo “mess” em inglês [desarrumação ou confusão em português] tem origem no latim tardio “missus”, que significa um dos “pratos da refeição” e o ato de colocar algo na mesa. Evoluiu até ao francês antigo como “mes”, significando uma “porção de comida”. Com o tempo, expandiu para indicar “grupo a jantar” e “comida variada”, em particular para animais. Isto levou ao seu uso no século XIX como uma “mistura” ou “volumes variados”, quando também começou a representar de forma figurativa um “estado de confusão”, assim como, a sua interpretação como “condição de desleixo”. Adoro que desarrumação tenha origem num lugar que alimenta e reúne. Sugere que aceitar a desarrumação como processo pode levar a uma prática que, por inerência, fervilha e borbulha.

Juan Tessi segue mais reações espontâneas que receitas. Ele gosta do que não tem guião, nem mapa, desafiando-se constantemente a romper com o familiar e resistindo ao domínio mecanizado das técnicas. Embora evite categorizá-lo como resistência, já que esta palavra carrega um tom heroico, Tessi tem imenso prazer na selva da incerteza. Não é uma escolha deliberada; sempre que se vê num determinado ritmo, o artista vê-se compelido a quebrá-lo e a tomar um caminho novo. A desarrumação é então mais um indício, algo que não consegue ultrapassar – ou evitar. O próprio ato de pintar torna-se uma força energética guiada pela intuição; onde a mudança e a ambiguidade desmontam de forma natural estruturas e sistemas de pensamento. Por outras palavras, a desarrumação como processo significa reclamar sempre um estado de amadorismo, uma forma de manter uma sensação de pureza e frescura.

Esta procura sem direção provoca no artista uma sensação de desconforto, de vergonha, um sentimento determinante no qual Tessi encontra um prazer único. Ao abraçar este facto, onde os resultados finais nunca estão garantidos, Juan Tessi e as obras que produz teimam em ser trabalhos em curso, alinhados com uma filosofia de desvios e retornos. O artista também recebe bem a metamorfose. Da mesma maneira, que uma lagarta se transforma em borboleta, as suas pinturas evoluem, cada iteração nova emerge do mesmo espírito, da mesma mão. Pintar, para Tessi, implica libertar uma criatura no mundo, uma entidade que respira, viva.

movement of serendipitous connections within and between his works.

The term “mess” traces its origins back to Late Latin “missus,” signifying a “course at dinner” and the act of placing something on a table. It evolved into Old French as “mes,” meaning a “portion of food.” Over time, it expanded to denote a “group dining together” and “mixed food,” notably for animals. This led to its usage as a “jumble” or “mixed mass” in the 19th century, when it also came to figuratively represent a “state of confusion” as well as its interpretation as a “condition of untidiness.” I love that mess comes from a place that feeds and gathers. It suggests that accepting mess as a process may lead to a practice that inherently simmers and bubbles.

Juan Tessi follows less recipes than spontaneous reactions. He nurtures a taste for the unscripted, the uncharted, constantly challenging himself to break from the familiar and resisting a mechanized mastery of techniques. The artist refrains from labeling this as resistance though, for this word carries a heroic undertone, whereas he fully revels in the wilderness of uncertainty. It's not a deliberate choice; every time he settles into a particular rhythm, he's compelled to disrupt it and embark on something new. Mess would then be more of an evidence, something he can't get around – or get out of. The very act of painting becomes an energetic force guided by intuition; Wherein change and ambiguity naturally dismantle preconceived frameworks and systems of thoughts. In other words, mess as a process means perpetually reclaiming a key state of amateurism, a way to keep a sense of candor and freshness.

This quest with no direction provokes in him a slight discomfort, a pivotal sentiment of embarrassment in which he finds a unique pleasure. Embracing the fact that finalized outcomes are never guaranteed, Juan Tessi's artworks persist as works in progress, aligning with a philosophy of returns and detours. He also welcomes metamorphosis. Just as a caterpillar transforms into a butterfly, his paintings evolve, each new iteration emerging from the same spirit, the same hand. Painting, for him, implies releasing a creature into the world, a living, breathing entity.

The outcome is a collection of distinct beings, each charting its own course, paving various paths, untethered by maps. Together they birth a new kind of landscape, neither realist nor abstract. Lines and signs – or lines becoming signs – herald a new [asemic] language, carefully avoiding any specific semantic. Tight curves rubbing shoulders with solid surfaces and dense flat tints; earthy colors and solar hues; cats transforming into trunks under the brush of a grumbling painter; mermaids shape-shifting into shrimps — or the other

# 3 + 1

O resultado é uma coleção de seres distintos, cada um no seu caminho, abrindo vários trilhos, livres de quaisquer mapas. Juntos fazem nascer um novo tipo de paisagem, que não é realista nem abstrata. Linhas e sinais – ou linhas que se tornam sinais – que anunciam uma nova linguagem (assémica), evitando cuidadosamente qualquer semântica específica. Curvas apertadas muito próximas de superfícies sólidas e de tonalidades planas e densas; cores de terra e tons cor do sol; gatos que se transformam em troncos sob o pincel de um pintor resmungão; sereias que se transformam em camarões – ou o contrário; figuras que sobem rio acima; corpos antropomórficos que brincam às escondidas; homens-tronco, homens-linhas; uma vibe de banda desenhada e imensas emoções; Aaaaarghhhhh – títulos como gritos; raios de luz dançantes e banjos; telas como partituras; olhos, fechaduras e buracos como notas; pinceladas colocadas, prestes a rebentar. E o que dizer sobre as divindades que pairam por cima das montanhas? Parece que estão suspensas no ar, aparentemente desligadas do reino terreno, muito provavelmente a atingir níveis elevados de consciência.

Estas criações híbridas estão em sintonia com o turbilhão da complexidade do mundo. Poderiam encarnar os conceitos de “caos-mundo” e “todo-mundo” de Edouard Glissant, que contêm muitas realidades, entrelaçadas e imprevisíveis, nascidas de interações transculturais. Esta perspetiva inclui a celebração do “direito à opacidade” numa sociedade fragmentada (“Poétique de la relation”, 1999). Esta poética do risco e da relação convida-nos a mergulhar em complexas camadas, em vez de cair numa compreensão linear, num pensamento hierárquico ou em prognósticos. Podemos aqui, mais uma vez, estabelecer paralelos com a opacidade da desarrumação, que se torna num bom exemplo deste paradigma caótico. Por fim, formam-se laços no espaço expositivo, criando um tecido intangível mas coerente, sobre o qual podemos projetar narrativas alternativas. Neste contexto, a escolha desta des-ordem é uma decisão turbulenta mas essencial, que tem o potencial de aceitar o inefável e o invisível, bem como de gerar novos mundos através do encontro de diferentes dimensões.

Não é de estranhar, portanto, que em Espanhol – a língua materna de Juan Tessi – “mess” é referido como “lío”, com raízes na palavra latina “ligare”, que significa “ligar ou unir”.

way around; figures going upstream; anthropomorphic bodies playing hide and seek; torso men, stick men; a vibe of comics and loads of emotions; Aaaaarghhhhh — titles as screams; dancing beams of light and banjos; canvases as scores; eyes, locks and holes as notes; strokes planted, poised to burst.

And what about these deities hovering above towering mountains? They appear suspended in the air, seemingly disconnected from the earthly realm below, most likely attaining heightened states of awareness.

These hybrid creations resonate with the world’s whirlwind of complexity. They could embody Edouard Glissant’s concepts of “chaos-world” and “all-world” encapsulating the myriad, interwoven, and unpredictable realities born from transcultural interactions. Within this view lies a celebration of the “right to opacity” in a fragmented society (*Poétique de la relation*, 1999). This poetics of risk and relation invites to dive into thick layers of intricacy rather than succumb to linear comprehension, hierarchical thinking and predictions. Here, we can once more draw parallels to the opacity of messiness, which becomes a compelling exemplar of this chaotic paradigm. Ultimately, bonds form within the exhibition space and craft a coherent yet intangible fabric, on which to project alternative narratives. In this context, choosing dis-order is a turbulent but essential decision, one that has the potential to accept the ineffable and invisible, as well as to generate new worlds through the meeting of different dimensions.

It’s probably no surprise then that, in Spanish — Juan Tessi’s mother tongue — “mess” is referred to as “lío”, rooted in the Latin word “ligare”, meaning “to bind or unite.”

Manon Klein, 09.23  
Tradução | Translation: S.P

# 3 + 1

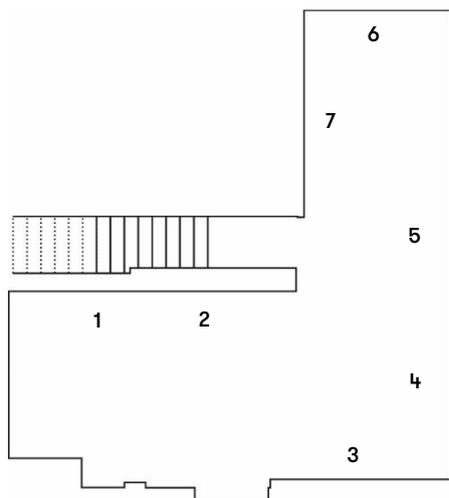
*Dios me odia*

Juan Tessi

15.09.23 – 11.11.23

Inauguração | Opening 15.09.23, 18h – 21h

## GALERIA | GALLERY 1



**1. *El sembrador*, 2023**

Óleo e grafite sobre tela | Oil and graphite on canvas  
90 x 64 cm

**2. *Duelo de banjos*, 2023**

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 64 x 91 cm

**3. *Aaaaaarghhhhh*, 2022**

Óleo e carvão sobre tela | Oil and charcoal on canvas  
120 x 100 cm

**4. *Sem título* | *Untitled*, 2021**

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 49 x 63,5 cm

**5. *Como un vestido*, 2023**

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 64 x 40 cm

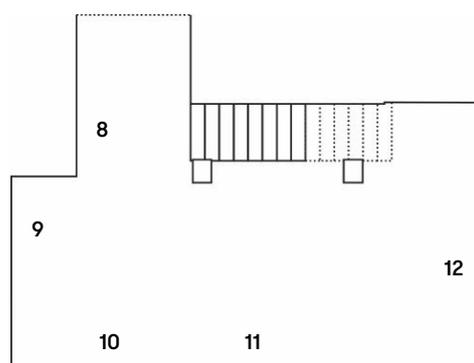
**6. *Gravity*, 2023**

Óleo e carvão sobre linho | Oil and charcoal on linen  
160 x 200 cm

**7. *Sem título* | *Untitled*, 2020**

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 66 x 46 cm

## GALERIA | GALLERY 2



**8. *Sirenas camarón*, 2022**

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 37.5 x 47 cm

**9. *Sem título* | *Untitled*, 2022**

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 50 x 35 cm

**10. *Dos moscas*, 2023**

Óleo e carvão sobre linho | Oil and charcoal on linen  
160 x 200 cm

**11. *Pintor Grunon*, 2022**

Óleo sobre tela | Oil on canvas, 69.5 x 58.5 cm

**12. *João el sediento*, 2023**

Óleo e carvão sobre linho | Oil and charcoal on linen  
160 x 200 cm